

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS DO SERTÃO - DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

Josiane Alves dos Santos

A TRANSFORMAÇÃO PELO SACRIFÍCIO:
A METÁFORA DE MORTE E VIDA EM *A LEITORA DE POESIA*, DE MARCOS
FABER

Delmiro Gouveia - AL

2024

Josiane Alves dos Santos

**A TRANSFORMAÇÃO PELO SACRIFÍCIO:
A METÁFORA DE MORTE E VIDA EM A *LEITORA DE POESIA*, DE MARCOS
FABER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Banca Examinadora do curso de
licenciatura em Letras/Português da
Universidade Federal de Alagoas –
UFAL/Campus do Sertão como requisito para
obtenção do grau de licenciada em Letras,
habilitação Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia - AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237t Santos, Josiane Alves dos

A transformação pelo sacrifício: a metáfora de morte e vida em
A leitora de poesia, de Marcos Faber / Josiane Alves dos Santos. –
2024.

49 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura epistolar. 3. Literatura
comparada. 4. Romance. 5. Metáfora. 6. A leitora de poesia. 7.
Marcos Faber. I. Silva, Márcio Ferreira da, orient. II. Título.

CDU: 81-31(81)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Josiane Alves dos Santos

A TRANSFORMAÇÃO PELO SACRIFÍCIO: A METÁFORA DE MORTE E VIDA EM *A LEITORA DE POESIA*, DE MARCOS FABER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de licenciatura em Letras/português da Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Campus do Sertão como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Aprovado em 14/05/2024.

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO FERREIRA DA SILVA**
Data: 15/05/2024 12:43:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFA)
Orientador

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RICHARD PLÁCIDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 15/05/2024 12:46:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Richard Plácido (PPGLL-UFAL)
Examinador Externo

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva (UFAL)
Examinadora Interna

*Ao meu Pai amado, minha Luz, meu Deus
Todo-Poderoso, agradeço por ouvir minhas
súplicas e me conceder forças nos momentos
mais difíceis. Agradeço por segurar minha
mão e me sustentar, por ser minha fortaleza
diária, por ser tudo em minha vida...*

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, sim, a Ele, por me conceder forças em todos os momentos da minha vida, especialmente nos estudos. Recordo-me vividamente da dificuldade que enfrentei ao decidir qual curso seguir. Além disso, as frequentes desencorajadas de “pessoas” ao meu redor sobre a profissão de professora, pois julgavam não ter muito futuro. Foi nesse momento que me senti mais perdida, mais confusa, a ponto de quase deixar escapar a oportunidade que mudaria minha vida. No último dia de matrícula, ao despertar, uma voz que parecia tocar meu coração e sussurrar em meus ouvidos - tenho certeza de que era Deus - dizia: "não desista, você lutou até aqui, não é hora de desistir. Lembre-se de todo o seu esforço durante um ano de pré-vestibular. Faça valer seu tempo, sua dedicação. Vá em frente, não desista, matricule-se." De repente, levantei da cama e reuni todos os meus documentos, fui ao cartório e depois segui para Delmiro Gouveia-AL, sozinha. Lá estava eu, oficialmente matriculada na UFAL/Campus do Sertão. Uma mistura de emoções e felicidade tomou conta de mim depois de tudo, e parti de volta para Paulo Afonso-BA, toda emocionada, feliz por ter ouvido a voz de Deus e do meu coração. No caminho, não me cansei de agradecer a Deus, Ele é minha Luz;

Em segundo lugar, gostaria de expressar minha gratidão ao meu companheiro de vida Ariston Mergulhão, meu bem e meu mal, minha alegria e minha tristeza, meu amigo e marido, por ver minha luta e acreditar em mim, por ser meu apoio, direto e indiretamente, por proporcionar meios que melhoraram minha qualidade nos estudos e na vida. Obrigada por ser o meu norte;

A minha sogra Adelma Mergulhão por sempre me apoiar nos estudos, pelos aprendizados e por levar lanche quando eu estava estudando;

A querida dentista Luciana Santana pelos direcionamentos no início de um sonho que ainda não existia, por me apresentar o caminho do pré-vestibular, por ser sempre alegre, carismática e conselheira;

A Marluce Santos, minha mãezinha amada, meus agradecimentos eternos, por me carregar no ventre e me trazer a vida, por ter segurado a barra sozinha;

A UFAL/Campus do Sertão, por ser minha segunda casa;

Aos que torceram por mim, familiares e “amigos”. Aos que trilharam e compartilharam trabalhos e perrengues comigo;

Aos demais membros do corpo docente do Curso e aos setores técnicos e terceirizados da instituição;

A minha querida madrinha literária Katja Plotz, pelo carinho, tempo e aprendizados;

Ao prof. Dr. Marcos Alexandre por ter me apresentado *A leitora de poesia* e toda aprendizagem;

Ao meu prezado Prof. Dr. Paulo Valença que me auxiliou na execução deste trabalho, pelo tempo, apoio, paciência e aprendizados;

Ao Clube do Livro Sociedade das Poetas Mortas pelo lindo projeto de extensão o qual fui atuante;

Ao Prof. Dr. Márcio Ferreira por ter aceitado me orientar, pelo apoio, aprendizados e pela coordenação do Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana (NELA) o qual tive a oportunidade de participar;

As minhas e os meus coleguinhas, por ter tornado meu último ano do curso mais leve, pelos momentos de alegrias, apoios, besteiras-bestas e carinhos. Foi bom conhecer cada um (uma).

A luz saneia.

A luz ilumina.

*Todas as generosas irradiações sociais
provêm da ciência, das letras, das artes, do
ensino. Fazei homens, fazei homens. Dai-lhes
luz para que eles vos aqueçam.*

(HUGO, Victor, 2014, p. 631).

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o romance **A leitora de poesia**, de Marcos Alexandre Faber, publicado em 2021, analisando a forma literária a partir do gênero epistolar presente no romance. Dessa forma, assumiu-se as personagens Isabel e Afonso, emissor e receptor, vice-versa, das ações da trama no romance de Faber. Ao partirmos da personagem Isabel de Mello, tomou-se a personificação da poesia representada nas cartas da personagem, bem como na linguagem assumidas pelos protagonistas. Para tanto, a pesquisa apresenta uma análise de aspecto qualitativo e de cunha bibliográfico, caracterização pela forma romanesca das cartas entre as personagens Isabel e Afonso. O gênero epistolar é a forma privilegiada para a abordagem da crise dos gêneros literários, e, conseqüentemente, da poesia, já que tal forma literária põe em cena o encontro do poeta e sua musa admiradora. No fluxo de nossa análise, julgamos pertinente considerar o diálogo da trama com outras obras clássicas, e, sob a ótica dos estudos em literatura comparada, a pesquisa visou demarcar as influências entre essas obras no romance ora analisado. Como aporte teórico, valeu-se de teóricos e críticos literários e de contribuições de Aristóteles (2005), Lajolo (1993), Alexandre Júnior (2015) e Soares (2007), para discutir gêneros literários e gênero epistolar na literatura; Nitrini (2015) e Carvalhal (2006), em aporte aos conceitos de literatura comparada e, também, ao assumir os conceitos de contemporaneidade tomamos os estudos de Agambem (2014, 2018) e Benjamin (1987), entre outros. Assim, a pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre a criação da obra poética e da crise da poesia na sociedade contemporânea, sobretudo por meio de uma compreensão da metáfora da morte como culminação de um sacrifício pela sobrevivência humana.

Palavras-chave: Romance. Metáfora. Literatura epistolar. Literatura comparada. Marcos Alexandre Faber.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the novel **A leitora de poesia** by Marcos Alexandre Faber, published in 2021, by analysing the literary form based on the epistolary genre present in the novel. In this way, the characters Isabel and Afonso were assumed to be the sender and receiver, vice versa, of the plot's actions in Faber's novel. Starting with the character Isabel de Mello, we took the personification of poetry represented in the character's letters, as well as in the language assumed by the protagonists. To this end, the research presents a qualitative and bibliographical analysis, characterised by the novelistic form of the letters between the characters Isabel and Afonso. The epistolary genre is the favoured form for approaching the crisis of literary genres, and consequently of poetry, since this literary form sets the scene for the encounter between the poet and his admiring muse. In the course of our analysis, we thought it pertinent to consider the plot's dialogue with other classic works and, from the perspective of comparative literature studies, the research aimed to demarcate the influences of these works on the novel under analysis. As a theoretical contribution, we used literary theorists and critics and contributions from Aristotle (2005), Lajolo (1993), Alexandre Júnior (2015) and Soares (2007), to discuss literary genres and the epistolary genre in literature; Nitrini (2015) and Carvalhal (2006), in support of the concepts of comparative literature and, also, in assuming the concepts of contemporaneity, we took the studies of Agambem (2004, 2018) and Benjamin (1987), among others. The research has thus contributed to a reflection on the creation of poetic works and the crisis of poetry in contemporary society, especially through an understanding of the metaphor of death as the culmination of a sacrifice for human survival.

Keywords: Novel. Metaphor. Epistolary literature. Comparative literature. Marcos Alexandre Faber.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O AUTOR ENVELHECIDO EM BARRIS DE CARVALHO	15
2.1. Marcos Alexandre Faber: <i>revelador da dor do mundo</i>	15
2.2. O enredo de <i>A leitora de poesia</i>	18
3. 3. DA LITERATURA EPISTOLAR NA LITERATURA COMPARADA	23
3.1. O gênero epistolar: um olhar comparativo	23
3.2. 3.2. A forma comparativa no romance de Faber	25
4. O TEMA DA TRANSFORMAÇÃO PELO SACRIFÍCIO EM A LEITORA DE POESIA	33
4.1. Isabel: entre ressignificação e sacrifício	33
4.2. Isabel: entre o sacrífico e a morte da poesia	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

A poesia é uma das formas mais antigas de expressão humana, presente desde os primórdios da história. Ela transcende o tempo e o espaço, conectando-nos com nossa essência humana e permitindo-nos enxergar beleza mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. Desde as pinturas rupestres até os escritos em pedras, a poesia sempre esteve presente, refletindo a condição humana em suas diversas nuances.

Historicamente, desde Platão, que reconheceu os gêneros poéticos, até Aristóteles, que lançou as bases da poética, e os críticos renascentistas e clássicos, a produção literária evoluiu, abrangendo lírica, épica e dramática, explorando temas que refletem a essência do homem. Ela nos convida a enxergar o mundo com olhos poéticos, a perceber a beleza ao nosso redor e a nos conectar com nossas emoções mais profundas. Esses fatos tornam a literatura e o fazer poético tão vitais quanto antigos.

A poesia não se limita apenas ao texto escrito; ela está presente em todas as formas de arte e em todas as experiências humanas que nos emocionam e nos fazem refletir sobre a vida. É essa capacidade de despertar emoções e reflexões que torna a poesia uma expressão tão poderosa e universal.

Ao nos permitir enxergar além das aparências e das convenções sociais, a poesia nos transforma. Ela nos convida a morrer para velhas formas de pensar e sentir, para que possamos renascer em um estado de maior consciência e conexão com nossa humanidade. Através da poesia, encontramos uma fonte de inspiração e significado que nos ajuda a enfrentar os desafios da vida com mais serenidade e compreensão.

Agora, ao adentrarmos na questão da leitura de poesia, exploraremos como essa prática nos permite mergulhar ainda na experiência poética e como ela nos pode nos manter no campo da análise literária. Tomamos poesia como recriação, pela palavra ou outro meio semiótico, do mundo, envolvendo os recursos de natureza semiótica em suas conexões com a realidade extrassemiótica, em vista da produção e expressão de um significado a partir de um princípio organizador da obra.

Poesia e romance podem ocupar o mesmo espaço no livro. Sim, pode. Nossa pesquisa revela que o sentido híbrido (SOARES, 2007) nos leva a analisar nosso objeto de pesquisa: o romance **A leitura de poesia**, de Marcos Faber, cuja protagonista Isabel passa por uma jornada de autodescoberta e renovação. Através da poesia, ela se transforma, mas não sem

sacrifício. A metáfora de morte e vida na poesia é evidente, pois a personagem renuncia a sua antiga identidade para renascer em uma nova forma. É um processo de abdicação, mas essencial para seu crescimento pessoal e poético.

A representação do sacrifício no romance é fundamental para a transformação pessoal da personagem, como ilustrado em **A leitora de poesia**. Assim como Isabel, personagem principal da obra, que é sacrificada para renascer em poesia, porque a personagem caminha no romance através das cartas para Afonso. A morte da personagem como fatalidade é o que se apresenta no romance, mas há uma intencionalidade da autoria ao assumir a morte de Isabel, pois ela é a evidente metáfora da poesia, e a poesia está morta?

Então, o objetivo principal da pesquisa será analisar o romance **A leitura de poesia**, do escritor pernambucano Marcos Alexandre Faber, publicado em 2021. Esse objeto de pesquisa se apresenta classificado na categoria de romance, mas sua forma esbarra na crise dos gêneros literários. Os caminhos da pesquisa revelaram que a forma que compõe o gênero epistolar como estrutura do romance também põe em xeque os conceitos de literatura e de poesia, fator predominante para nossa análise, tornando-se um problema para escritor contemporâneo, como nos ensina Agambem (2014, 2018) e Benjamin (1987).

Nosso estudo se concentrará nas discussões apresentadas na narrativa epistolar do romance objeto de nossa pesquisa, cuja obra explora o papel da poesia na vida das personagens e como isso reflete a necessidade que o mundo tem de poesia, tal como deixa claro o livro. Vamos examinar como a imersão na poesia pode afetar as vidas das personagens e, por extensão, nossa própria compreensão da importância da poesia no mundo contemporâneo.

Para investigar essa questão da transformação pelo sacrifício e a metáfora da morte e vida na poesia, optamos por uma abordagem qualitativa e bibliográfica em nossa pesquisa. Buscamos referências teóricas que nos auxiliassem a compreender esses temas. Dessa forma, fundamentamos nossa análise em Aristóteles (2005), Lajolo (1993), Alexandre Júnior (2015) e Soares (2007), para discutir gêneros literários e gênero epistolar na literatura; Nitrini (2015) e Carvalhal (2006), em aporte aos conceitos de literatura comparada e, também, ao assumir os conceitos de contemporaneidade tomamos os estudos de Agambem (2004, 2018) e Benjamin (1987), entre outros. Esses autores oferecem perspectivas diversas que enriquecem nossa compreensão teoria sobre a análise romance, recaindo sobre a transformação pelo sacrifício e a representação da morte e vida na poesia. Ao dialogar com esses pensadores, ampliamos

nosso horizonte de análise e enriquecemos nosso estudo com diferentes abordagens e pontos de vista.

No romance **A leitora de poesia**, essa transformação pelo sacrifício e a metáfora de morte e vida na poesia se manifestam de forma intensa. A personagem Isabel, ao se entregar à leitura da poesia, passa por um processo de personificação. Ela sacrifica o ser mulher materialista da vida para renascer em poesia. Essa jornada simbólica é fundamental para compreendermos a profundidade e o impacto da poesia em nossas vidas.

Nossa pesquisa está dividida em quatro seções, a saber. Na primeira, *O autor envelhecido em barris de carvalho*, apresentamos o Autor, pois acreditamos ser importante para este trabalho o destaque à biografia de Marcos Alexandre Faber, uma vez que este é a primeira monografia de TCC apresentada no curso de Letras sobre o Autor, cuja trajetória se ampara entre a vida acadêmica, como professor de Literatura da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus do Sertão, e produções de poemas, de romance, de música; nessa seção ainda destacamos o enredo do romance; na segunda, *Da literatura epistolar na literatura comparada*, tratamos da discussão sobre gênero literária, gênero epistolar como forma representativa no romance e as discussões sobre nosso campo de análise sustentado pela literatura comparada; e, por fim, a terceira seção, *O tema da transformação pelo sacrifício em A leitora de poesia*, analisamos o tema do sacrifício da personagem Isabel, em que a forma poética e epistolar do romance recai sobre questões da metáfora da morte e da vida da poesia.

Dessa forma, podemos dizer que a problematização do romance está na questão da exiguidade do público leitor da poesia lírica na contemporaneidade, dado bastante presente na narrativa de *A leitora de poesia*, obra que testemunha fortemente a resistência poética em tempos não muito favoráveis ao lirismo literário. Então, a metáfora da morte refaz o caminho para reafirmar que a poesia não morre, ela é uma parte essencial da expressividade humana em face da natureza e da sociedade. É uma forma de ver a beleza no mundo e de nos conectarmos com o que é mais significativo.

2. O AUTOR ENVELHECIDO EM BARRIS DE CARVALHO

E está o poeta mal enterrado porque no lugar onde as coisas não lhe podem fazer mal? – Postais, pinturas, imagens, imagens literatura? Vida? Pode estar-se enterrado – astênico, modestamente deprimido, agônico – em todo tipo de vida?
(CHIOTE, Eduarda. Prefácio in **Da destruição do poema**, 2007, p. 11).

O leitor comum certamente se depara, por um lado, vez ou outra, com um assunto ou temática que, por lhe serem em grande parte estranhos, provocam-lhe desânimo ou demovem-lhe o propósito ou desejo de explorá-los. Por outro lado, o Autor é um *Ser* inequívoco, ou seja, não tem dúvida de seu lugar, age de maneira evidente em que se depara com a vida. Assim, estranha e artisticamente, no romance **Leitura de poesia**, de Marcos Faber, objeto de nossa pesquisa, há uma “Nota de editor” entre as cartas de Isabel e Afonso. Lá o narrador questiona-se: “Por que algumas pessoas, às portas do século XXI, ainda escrevem cartas? Não sei, mas a verdade é que parecíamos não pertencer a este tempo. Tínhamos a alma envelhecida em barris de carvalho” (FABER, 2007, p. 20). No encontro entre o passado e o presente, o que significa para o criador literário e para o leitor “escrever cartas”, e por que o autor pernambucano faz de sua obra um caminho aberto a esse choque de gêneros? As respostas podem ser encontradas na leitura deste trabalho, ou não! Talvez precisaríamos voltar ao romance e (re)descobrir, quase sempre, como seria viajar por um continente inóspito, cujos caminhos e história se mostram ameaçadoramente desconhecidos. A fim de que isso não aconteça, já que exploramos uma obra contemporânea que tem recebido pouca atenção crítica até o momento presente, pois dela forneceremos uma visão do Autor e uma síntese.

1.2. Marcos Alexandre Faber: *revelador da dor do mundo*

A frase que abre o subtítulo acima é de Aloísio de Lemos (2007), que faz parte da fortuna crítica de Faber no livro **Da destruição do poema**, publicado em 2007. Para Lemos (2007, orelha, o grifo é nosso), “o poeta, *revelador da dor do mundo*, egocentricamente como destruidor de todas as ilusões”.

Marcos Alexandre Faber é pseudônimo de Marcos Alexandre de Moraes Cunha, que também já se apresentou como Marcos D’Moraes, como, por exemplo, nas publicações de **Recife Porto**, de 2004 e **Da destruição do poema**, citado acima. Ao perpassarmos por esses deslizamentos de nomes, podemos inferir que o Autor se liga à ideia de múltiplo. Ser um e ser

muitos, talvez se colarmos essa ideia a criação dos heterônimos de Fernando Pessoa, forme um claro enigma de que o autor pernambucano se imbrica.

Faber é um poeta inventado no Recife. Isso quer dizer que o poeta é um escritor urbano, que caminha pela cidade e ver-se nas tradições históricas e culturais da própria cidade. Um espelho convexo. Ou um labirinto, a cidade. Marcado pela *Geração 80*, em que a Recife efervescia nos campos de expressão artística do Nordeste para o restante do País, Faber é também um poeta de passos calmos e palavra mansa. Como todo poeta, a fala sai solta, às vezes mantida na complexidade do próprio fazer poético, afinal todo artista é um sim ou não, como diz Caetano Veloso.

Se Recife é morada de Manoel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Chico Science, da saudosa Nação Zumbi, Faber é, sem dúvida, um morador de portos livres, aberto a quebra de fronteiras, com diz no poema *Quase biografia*, publicado na **Revista Eutomia**, Revista de Literatura e Linguística, da UFPE, em 2011.

Para viver, bastam-me poucas coisas,
um caderno em branco
um lugar no Café Silêncio
um quarto com alguma higiene
em uma cidade qualquer
Durban, Lisboa, Recife...

Professor, poeta, romancista, cantor e crítico literário, Marcos Alexandre Faber é um ser múltiplo artisticamente. Como professor da cadeira de Literatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, o escritor toma a literatura como missão, trilhando as formas entre o ato de criação, arte de representação; e de teoria e análise, ações pedagógicas do trabalho diário na academia, mas sempre dialogando com a frequência do mundo e, ao mesmo tempo, olhando para o passado, para o presente, e também, para o futuro.

Daí sai para publicar ficções como **O lampejo do vaga-lume**, em 2018 e **A leitora de Poesia**, em 2021, objeto de nossa pesquisa. A farta poesia com **Recife Porto**, em 2004, e **Da destruição do poema**, em 2007. No caminho da crítica literária, podemos citar trabalhos e estudos no mestrado, **A Poesia dos Acordes**, de 2002; do doutorado, com **A poesia da Geração de 65**, de 2019 e do pós-doutoramento em Direito Penal, pela Universidade de Coimbra com a pesquisa **Do Não Lugar: A Pós-Modernidade e a Globalização Na Criminalidade Organizada** (2006). E mais tarde como ampliação de seus estudos sobre **A**

geração de discos, de 2012. Ainda conta com artigos sobre poesia e música publicados em revistas científicas da área de literatura.

As influências musicais estão definitivamente marcadas em toda obra de Faber. Ler e ouvir música são atos do cotidiano, por isso também estudou as capas dos discos de vinis dos anos 60, 70 e 80, do século XX, como em “A geração dos discos”, publicado pela *Revista Eutomia*, em 2012. A vida movimentada da Recife musical, poética e cultural dos anos 80 afeta diretamente o artista, pois a convivência com espaços culturais como o *Livro 7*; o *Mustang*; o *Teatro do Parque*; a *praça 13 de maio*; o *rio Capibaribe*; o *Cine São Luiz*; as luzes da cidade traduzem, enfim, seus retratos fantasmas, como podemos ver no filme do diretor Kleber Mendonça Filho, que constrói uma canção fílmica e poética à cidade do Recife. Faber é também um colhedor de álbuns fotográficos de seus próprios fantasmas, cuja impregnação histórico-espaço-temporal permanece marcada na vida cotidiana do escritor ancorada nos espaços do Sertão – leiam-se as cidades de Delmiro Gouveia, em Alagoas, e Paulo Afonso, na Bahia, na cidade do Recife, em Pernambuco, ou na cidade do Porto, em Portugal.

Na verdade, ele faz uma declaração de Amor à cidade do Recife. E ao tratar o Amor¹, não escapa da Dor. Aliás, esses tons antitéticos percorrem o romance de Faber. O aspecto estético se mostra na forma como Isabel traduz seu interesse pela poesia, e como, a partir disso, faz com que a personagem Afonso construa seu autoconhecimento pessoal e sobre o ato de criação literária. “Ontem revisei meus versos e pensei: “será que ela vai gostar?”. E ainda: “Você está em cada palavra, emerge em cada imagem, atraí toda a rima. Acho que nunca escrevi tão bem” (FABER, 2021, p. 81).

O ato amoroso não se forma entre dois corpos, mas diante da linguagem, das cartas enviadas e recebidas. Isabel e Afonso unem-se pela linguagem, como podemos ver na carta de Isabel: “Queria dar-te alguns presentes. As mulheres apaixonadas presenteiam seus amados” (FABER, 2021, p. 93). O mesmo desejo do encontro, que são revelados na cada entre os amantes, revela a paixão pela poesia, como se não importasse conhecer um ao outro, mas se apresentar nas cartas remetidas já se revelaria o encontro amoroso. “A minha poesia já não é nada do que impossibilidade de vê-la. É para isto que escreve cartas? Para seduzir e brincar com um pobre poeta?” (FABER, 2021, p. 113).

Então, Isabel é a metáfora poética para Afonso, e vice-versa. Dessa forma, podemos afirmar que esse jogo artístico se mostra em uma definição de poesia que está exclusivamente

¹ Resolvemos grafar “Amor” e “Dor” com iniciais maiúsculas devido ao seu aspecto estético na obra de Faber. Acreditamos que essa representação escapa à capacidade do artista de se encontrar consigo e com o mundo representado em sua obra.

depositada na linguagem. O gênero epistolar dá ao romance uma seara de instrumentos estilísticos que faz com a linguagem tome o valor literário. Assim, entre o encontro amoroso instaura-se também a dor, pois o encontro com o outro é um encontro secreto, já dizia Lêdo Ivo, mas agora é morte. Ao encontrar a morte, Isabel apresenta à Afonso seu maior poder, reconhecer o que é real e o que ficcional. A morte de Isabel é claramente a representação da morte da poesia.

2.2. O enredo de *A leitora de poesia*

A leitora de poesia, de Marcos Faber (2021), é um romance que, por sua forma epistolar, um formato incomum na era tecnológica em que vivemos, cativa o leitor ao aproximar-se da intimidade das personagens por meio dessa forma de escrita.

Diante dessa reunião de cartas, o livro prende a atenção do leitor com sua narrativa envolvente, abarcando elementos do romance, como, por exemplo, mistério, narrativa densa, catarse. Com poucas personagens, a trama gera um tom confessional, especialmente por se sustentar numa troca de cartas, uma forma de comunicação tão pessoal, que denuncia o ato confessional.

A trama se desenrola em torno de duas personagens principais: Isabel, a leitora, e Afonso, o poeta. Afonso não apenas troca cartas com Isabel, mas também as publica em forma de livro como mencionado em Faber (2021, p.20), “Passo a publicá-las, assumindo todos os ricos e dolos da minha iniciativa”, ato esse que se configura como uma homenagem à sua excepcional leitora de poesia. Essa iniciativa busca manter viva a memória de Isabel após sua morte, revelando a importância e a perfeição que ela representava como leitora ideal, conforme sutilmente indicado pelo narrador ao longo da obra.

Além de Isabel e Afonso, há outro destinatário que raramente aparece na narrativa: Francisco, “o meu grande camarada [...]” (FABER, 2021, p.17) como denominado pelo poeta Afonso, para quem o protagonista endereça algumas das missivas. Por sua vez, Isabel menciona outras personagens em sua intimidade epistolar, como seu motorista Luiz que é apenas mencionado em algumas missivas como esta “[...] o Luiz passou por lá e comprou um exemplar!” (FABER, 2021, p. 112), seu primo e ex-marido Pedro a quem Isabel diz que gosta “[...] mas acho que nos equivocamos” (FABER, 2021, p. 56), seu irmão, que só é mencionado por alto, sua cuidadora desde a infância, Carminha, sua secretária, Maria José, e sua mãe, também chamada Isabel, que se torna motivo de mistério ao longo do romance, a narrativa

deixa pistas como: “Eu estive na Guarany. E sabe quem encontrei lá?”; “Não, Francisco, não era a minha leitora, a mulher que mais anseio conhecer neste mundo, mas sua filha” (FABER, 2021, p. 88), é preciso está atento. Há ainda o livreiro Sr. Tarcísio, da livraria Guarany a mesma mencionada anteriormente. Essa rede de personagens contribui para enriquecer a trama e aprofundar as relações entre os protagonistas.

O ponto de partida da história se dá quando Afonso descobre que Isabel comprou um de seus livros na Livraria Guarany. Por ser uma figura conhecida e importante na cidade de Recife, “Não foi difícil encontrar, num catalogo destinado à alta sociedade, o endereço da Senhora Isabel. Resolvi, num gesto impulsivo, escrever-lhe uma carta” (FABER, 2021, p. 19-20), que, para sua surpresa ainda maior, veio a ser correspondida. Afonso, que se via como um poeta sem um público leitor, ficou curioso ao descobrir que estava sendo lido por alguém tão influente como Isabel. Esse acontecimento marca o início de uma troca de cartas que se tornará essencial para ambas as personagens.

Isabel pertencente a “[...] uma família da aristocracia do açúcar [...]” (FABER, 2021, p. 19), é uma mulher culta, rica, bipolar e poliglota, que foge do politicamente correto e do influenciável, expressando-se livremente como deseja. Ela deixa claro na narrativa seu seletivo gosto poético, surpreendendo Afonso. O narrador destaca a diferença de recursos entre eles: enquanto Afonso é um professor que busca melhorar suas condições de vida por meio de um doutorado, ele está “[...] prestando um concurso para uma Universidade no Sertão [...]” (FABER, 2021, p. 64), enquanto Isabel vive em uma esfera social diferente, o que afeta as perspectivas de mundo de cada um de forma distinta.

Isabel demonstra interesse por Afonso, mas seu amor é complexo e às vezes impulsivo. Ela provoca e depois se desculpa, conforme as missivas: “Desculpe-me por provoca-lo, deixá-lo inquieto” (FABER, 2021, p. 53), “Desculpe-me a presunção, perdoa-me a covardia. Sei que pode não mais importar-te, mas estive contigo em pensamento naquela pequena livraria” (FABER, 2021, p. 115), na verdade Isabel não conhece Afonso pessoalmente, apenas sua poesia. Há um desejo latente, mas, sem um encontro físico, é difícil determinar se ela deseja o poeta, sua obra ou a própria poesia. Nesse sentido, é preciso que o leitor fique atento a essa personagem singular, já que não se sabe com certeza quem ela é, se mãe ou apenas filha de alguém com o mesmo nome. E isso é alimentado pelo fato de a trama só deixar ver e entrever aquilo que as cartas registram, nunca se dando a narrativa de alguma confrontação entre Isabel e Afonso. A ausência de um narrador onisciente coopera, aliás, em maior grau, para que fujam ao leitor certezas acerca de fatos e personagens.

No decorrer das cartas, Isabel menciona seu casamento com o primo Pedro, deixando claro que a união não se dera por amor, mas sim para manter “[...] a tradição dos casamentos consanguíneos que asseguram os direitos hereditários de uma família nobre” (FABER, 2021, p.54). Fica também evidente a atração de Isabel por uma alma poética, o que certamente não via no primo, chegando ela a mencionar que se casaria com um poeta, mas não encontrara alguém que se encaixasse no perfil, o desejo apenas existia conforme: “[...] me agarro aos poetas, mas é como se me segurasse na própria tempestade!” (FABER, 2021, p. 58). No decorrer da trama, por fim, fica clara a separação “Imaginei que gostaria de saber que a tua leitora é livre outra vez” (FABER, 2021, p. 76).

Isabel enfrentou instabilidade em sua saúde desde a infância, “[...] diagnosticaram-me como distúrbio de personalidade [...]” (FABER, 2021, p. 117). Naturalmente inteligente, Isabel teve sua cultura proporcionada pela família, “Não havia no Recife uma escola especializada para os prodígios que leem aos três anos [...]” (FABER, 2021, p.115), tornando-se uma leitora voraz de obras literárias. Apesar de não ser poetisa, tinha um profundo entendimento de poesia, sua maior fonte de apreciação artística, Isabel “Tinha os olhos profundos como se já tivesse lido toda poesia do mundo” (FABER, 2021, p. 90).

Ao longo da narrativa, percebemos uma transformação em Isabel. De início, ela nos surge física e materialmente como mulher de fato, mas, aos poucos, assume o estatuto da própria poesia, ao ponto dela dizer: “[...] chego a duvidar da minha existência real” (FABER, 2021, p. 116), movendo-se em um mundo cujos referenciais são os da literatura. Essa mudança vai ficando evidente de forma gradual, e o próprio Afonso se vê diminuído ao se comparar com os grandes poetas, temeroso de que um encontro entre eles viesse a ser pivô de um desapontamento da parte daquela leitora incomum, ou mesmo se chega a pensar em Isabel como um ente ficcional, responsável pelos questionamentos do próprio Afonso acerca da poesia.

Isabel chega a manifestar seu interesse por poetas como uma tempestade dentro de si, a absorvê-la, provocando-lhe emoções intensas e lhe configurando à poesia a vida e a formação de um ser existencial. Para Isabel, criar bons poemas talvez não fosse suficiente, pois seu cerne enquanto ser imaterial parecia estar conectado aos grandes e renomados poetas de toda a história, porém mergulhado em um tempo em que a verdadeira poesia é negligenciada, segundo Isabel “Muitos livros deveriam ser queimados por atentarem contra beleza”; “Parece-me que todos acham que podem fazer poesia”; “[...] querem fazer de toda a obra literária uma obra politicamente correta à luz dos nossos dias” (FABER, 2021, p. 100-1).

O encontro entre a leitora de poesia e seu poeta não poderia ser previsível; o leitor não deve esperar isso nem enxergar esse romance com olhos comuns, a ponto de criar um fetiche amoroso que obscureça os detalhes e pistas presentes no texto. Embora seja uma narrativa curta, não deve ser subestimada, pois seu conteúdo é mais literário do que muitos livros contemporâneos nesta era tecnológica. Reflitamos as ideias de Afonso a respeito de Isabel: “Queremos realmente isso? Não é melhor permanecemos na ficção? [...] poderia ser um desastre” (FABER, 2021, p. 121), assim como: “Diga-me Francisco que ela existiu. Diga-me que todo esse tempo que eu fiquei recluso não foi você que, por comiseração, me escreveu aquelas carta” (FABER, 2021, p. 125).

O desfecho da narrativa com a morte de Isabel e, logo em seguida, da revelação de sua última carta de despedida que é entregue por sua mãe a Afonso levantam questões sobre se tal morte fora um acidente ou um sacrifício intencional, o que nos pede muita atenção ao contexto, é o que veremos em **Isabel: entre resignificação e sacrifício**. Há várias interpretações possíveis: pode-se encará-lo como um desfecho previsível de um mero romance ou não, “Não sei em verdade, se o desejo, ou apenas a sua poesia. Nosso encontro poderia ser um desastre” (FABER, 2021, p. 129), afirmava Isabel, ou melhor, como um arrebatamento poético pelo próprio narrador, um possível sacrifício para que reste apenas a poesia, transformando a imaterialidade de Isabel na mais pura inspiração das musas poéticas, mas sobretudo na própria *poiesis*, uma vez que Isabel descreveu ter a “[...] alma saturada de poemas e começo a pensar que já conheço todos. Quase mais nada me arrebatava.” (FABER, 2021, p. 129).

Isabel é especial, sua mãe nos diz:

As pessoas especiais nos exigem muito! Eu não estava preparada para ter um prodígio em casa. Quem está? Quem espera ser mãe de um milagre.
Ela poderia ter sido o que quisesse!
Deitava-se com os livros. Lia um monte ao mesmo tempo.
Poderia ter o homem que quisesse, eram todos tão doidos por ela.
Enfeitiçados.
Diga-me: “Como controlamos a chuva? Como podar uma beleza daquelas?”
(FABER, 2021, p. 126-7).

Seja qual for a interpretação do público leitor, fica claro que Isabel vive na poesia que Afonso escreve ela está “[...] em cada palavra, emerge em cada imagem, atrai toda a rima” (FABER, 2021, p. 81), sendo sua leitora o cerne de todo o livro a enfatizar a necessidade de poesia no mundo. O desfecho da obra abre espaço para diversas interpretações, mas é importante observar as pistas dentro da narrativa, por exemplo, quem publica as cartas e de

que forma elas são postas na narrativa? Qual contexto social em que a obra foi inserida, o tempo e o espaço em que o enredo é narrado, entre outros aspectos.

A Leitora de poesia é um livro que explora a estética poética, com uma narrativa que, carregado de elementos românticos, destaca-se principalmente pela abordagem da poesia. As correspondências entre os personagens, uma característica comum entre poetas, remetem à prática histórica de comunicação por meio de cartas. Essas cartas não apenas serviam para comunicação, mas também para expressão poética. Como Isabel esclareceu em sua missiva “De antemão, vou avisando: não quero falar com você por e-mails. Não tem poesia nenhuma para nós, bichos epistolares” (FABER, 2021, p. 53).

Ao trazer à tona o uso das cartas em meio a uma era digital, a narrativa de **A Leitora de Poesia** ressalta os reflexos da mudança no mundo da escrita, destacando uma preferência pelo moderno em detrimento do contemporâneo. Essa escolha narrativa evidencia aspectos sociais e culturais relevantes, além de realçar a importância contínua da poesia em meio às transformações do mundo moderno.

3. DA LITERATURA EPISTOLAR NA LITERATURA COMPARADA

*Na confluência de uma cidade una e diversa, no sangue de suas artérias como na periferia de seu cais, no meio líquido de suas águas como no corpo de acolhida e de despedida de seu porto. Tudo isso, Marcos nos exprime numa festa de palavras, de canto, de poemas – estética que reflete sobre si próprio, com a consciência de seu jorro e de seu aborto, de seu ganho e de suas perdas, pelo gripe e pelo silêncio [...] (JOACHIM, prefácio in **Recife Porto**, 2004, p. 6).*

Analisar uma obra cujo enredo se dá através de cartas em uma época na qual essa forma não se mostra recorrente chega a ser um pouco desafiador, e, para tentarmos entender melhor esse gênero narrativo, foi preciso mais do que nos ocupar de **A leitora de poesia**. Desse modo, lançarmo-nos a outros textos do gênero, tais como: **Os sofrimentos do jovem Werther**, de Goethe; **Cartas de amor de uma freira portuguesa**, de Sórora Mariana Alcoforado; **Gente pobre**, de Dostoiévski; **Recortes das cartas das heroínas**, de Ovídio, nesse caso só havendo sido por nós considerada, em face do que a própria Isabel de Mello refere em **A leitora de poesia**, a missiva de Penélope para Ulisses.

3.1. O gênero epistolar: um olhar comparativo

Dessa forma, não deixemos de fora as bases teóricas que esclarecem um pouco da literatura epistolar, assim como sua terminologia, história, espaço e tempo. Começemos com o que diz Alexandre Júnior (2015, p. 167):

O termo epistole (epístola ou carta) referia-se originalmente a uma mensagem oral enviada por um arauto ou mensageiro. Mas acabou por se aplicar sobretudo aos documentos escritos enviados por alguma entidade ou instituição a um destinatário específico. O verbo *epistellein* significava simplesmente 'transmitir ou enviar uma mensagem', dar ou receber ordens por escrito. Como demonstrou Agostinho, carta era qualquer peça de escrita contendo uma saudação, o nome do emissor e receptor independentemente de ser ou não enviada.

Com o tempo, as cartas vieram a revelar-se instrumentos privilegiados de comunicação mais ou menos literária. Escritas em tabuinhas, papiro ou pergaminho, elas circulavam por toda a parte. Desde 539 a. C. que os persas tinham um sistema postal de larga abrangência, a cobrir praticamente todo o

seu império. Correios a cavalo chegavam a percorrer distâncias de mais de dois mil quilômetros em menos de duas semanas na expedição das mesmas.

Encontramos registros desse gênero desde 539 a. C., bem como atestamos seu êxito nas épocas posteriores. Como parte constitutiva que contribuiu para o romance epistolar, cujo auge se deu no século XVIII, Lajolo (1993, p. 62) “menciona sua multiplicação e sucesso na Europa no contexto de práticas cotidianas de linguagem e de escrita que muito o favoreceram, ao contrário do que vemos no momento atual”.

Imaginemos um tempo sem Internet e sem acesso aos avanços tecnológicos, Lajolo (1993) destaca a viabilização e a circulação maciça das formas privadas de escrita como meios de divulgação de fatos e reflexões. Segundo a autora, muito contribuiu para isso a legalização dos correios a partir de 1600 em diante, um avanço para muitos países e cidades da Europa, por se tratar de um sistema de entrega de correspondências que conectava com sucesso indivíduos distantes no espaço.

A linguagem realista das cartas, como que reproduzindo a interlocução face a face dos correspondentes, contribuiu para o êxito do gênero epistolar. Logo, Bakhtin (1993, p. 127) vai dizer que “para o gênero romanesco, não é a imagem do homem em si que é característica, mas justamente a imagem de sua linguagem”. Isso nos faz refletir no tocante ao que é narrado em cada epístola, no quanto a comunicação se liga a questões sentimentais, sociais e/ou históricas, pois cada obra tem em sua estrutura interna seu próprio meio de fomentar a imaginação pela linguagem.

Sobre o favorecimento desta escrita epistolar, Lajolo (1993, p. 64) menciona que “[...] a fórmula parece ter dado certo como atestam alguns dados de Singer, para quem dos 1.936 romances ingleses cuja existência é registrada entre 1741 e 1800, 361 são epistolares”. Não há como negar o favoritismo deste gênero neste espaço e tempo, provavelmente pela proximidade que o ambiente narrativo proporciona ao aproximar a fundo narrador e leitor em contexto de muita intimidade.

Lajolo (1993, p. 64) sobre essa proximidade nos diz que “o jogo propõe a posição de *voyeur/euse* ao prometer devassar a intimidade alheia”. A esse respeito entendemos que o público leitor de romances epistolares adentra na intimidade de cada personagem e, ao fazer isso, sente prazer na observação desses indivíduos. Logo se entende que o ato de ler uma carta de alguém se configura como invasão de privacidade. Podemos observar esse viés pela

narrativa de Faber (2021, p. 53), quando o narrador diz que “não gosto quando publicam as correspondências dos escritores. Acho uma verdadeira invasão”.

Por se tratar de um texto que envolve a intimidade dos endereçados nas cartas, podemos afirmar um traço eminentemente comum na narrativa epistolar, que é o narrador em primeira pessoa. Isso, segundo Lajolo (1993, p. 66), “deve-se à verossimilhança que permite que o texto se desenvolva em primeira pessoa”. A carta, segundo Foucault (2006, p. 149-59), “constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”. Logo, podemos dizer que é muito comum nas epístolas que as personagens fiquem despidas e com a alma nua, já que se estão comunicando à sua maneira, com a linguagem do interior do seu eu, que muitas vezes passa ao leitor não somente a sua intimidade, mas também suas fraquezas.

Nesse sentido, passamos a entender que os romances epistolares podem ter algo em comum entre si, de modo que, a partir dos diferentes textos, tentaremos na medida do possível entender a sua linguagem, o seu processo histórico, as personagens, o enredo, aquilo que for mais relevante por envolver o processo da estrutura interna e da produção desse gênero.

3.2. A forma comparativa no romance de Faber

O presente trabalho se aporta na crítica que estuda comparações entre textos literários. Nitrini (2015) afirma que a literatura comparada está nas literaturas grega e romana, mas aperfeiçoou-se no século XIX quando já havia uma atitude intelectual definida, como uma disciplina acadêmica em atividade no cenário educacional europeu. Para Nitrini (2015, p. 21), essa “atitude intelectual mais cultivada” e a maneira como a “influência” entre os textos permanece viva na história da escrita humana, coloca-se para dizer que:

Conceito que ocupará um importante lugar na literatura comparada como instrumento teórico e como direção dos estudos comparatistas, sobretudo, da primeira metade do século XX e que, também, será alvo de profundas críticas a partir dos anos 50.

Dessa forma, podemos dizer que a “influência” é ponto chave para discutir o conceito de literatura comparada. Haja vista que teóricos têm se perguntado se a literatura comparada é

uma disciplina acadêmica ou um campo de estudos teóricos para a literatura. Esse dilema foi resolvido por estudos de Nitrini (2015), por exemplo. A estudiosa diz que

o conceito de influência tem duas acepções diferente. A primeira, a mais corrente, é a que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor [...] a segunda acepção é de ordem qualitativa. Influência é o *resultado artístico autônomo de uma relação de contato*, entendendo-se por contato o conhecimento direto ou indireto de uma fonte de um autor (NITRINI, 2015, p. 127 – O grifo é da Autora).

A influência a autores em **A leitora de poesia** é apresentada como soma de relações de contato da mesma espécie, no caso a literatura. Dessa forma, percebemos o quanto a exposição das epístolas ao público confere intimidade, confissão, ao ato de recepção da obra, porque quem escreve não só fala a respeito do que pensa de si, mas também do outro. O próprio narrador dá a entender que Isabel está tendo sua privacidade violada, mas que isso também já acontecera com grandes personalidades, assim como com alguns escritores depois de mortos, como é o caso de Fernando Pessoa².

No romance em questão, o poeta Afonso afirma ter publicado as cartas de Isabel:

Passo a publicá-las, assumindo todos os riscos e dolos da minha iniciativa. Não como uma forma de me confessar ou me perdoar, nem mesmo como resultado de uma resignação diante da fatalidade, pois, ao contrário, como nas tragédias, tenho a cabeça erguida diante do imponderável. Ofereço-as, mesmo sabendo da natureza privada das epístolas, por achar que elas têm mais poesia do que os meus próprios poemas. E a poesia não tem pertenças. Publico-as por perceber que estou diante de alguém que, de verdade, compreendia a vida e a poesia como uma extensão (FABER, 2021, p. 20).

Podemos dizer que há algo muito peculiar nas narrativas epistolares, pois elas são profundas, as personagens podem chegar ao ponto de revelar o seu interior sem temor por confiar em seu correspondente. Em **A leitora de poesia** é justificável a publicação das cartas de Isabel: ela era grande demais, seu lugar tinha de ser o do mundo literário e não o de uma caixa, sua paixão pela poesia tinha de ganhar novas dimensões, a do público leitor.

Ainda sobre o ato profundo das emoções das personagens, não poderíamos deixar de mencionar aquele que mais expõe sua paixão devastadora, seus anseios, seus sabores e

² Desta evidência material se conclui que, apesar da publicação de apenas um pequeno livro e três folhetos em vida [...] (SEPÚLVEDA, 2014, p. 57). Os livros por escrever de Pessoa estão testemunhados numa obra contida principalmente num arquivo de papéis, mas também em alguns livros que o poeta não considerou definitivos (SEPÚLVEDA, 2014, p. 74).

dissabores, suas lutas internas *etc.* Estamos falando do jovem Werther o qual se encontrava nesta situação:

[...] sem esperança, sem objetivo, e volto à casa como saí... Imaginas que homem serias se os Estados Gerais tivessem te pagado o que te deviam; feliz criatura, que podes atribuir a falta de felicidade a um obstáculo terreno! Não sentes, não sentes que é em teu coração destrozado, em teu cérebro arruinado, que jaz tua miséria, da qual nem todos os reis da terra poderiam te libertar (GOETHE, 2021, p. 129)!

Os romances epistolares não mostram surpresas, as emoções são claras, é exatamente o que o indivíduo sente que é colocado na intimidade de suas cartas. O jovem Werther, assim como Isabel, que, em **A leitora de poesia**, sacrifica-se pela poesia, sacrifica-se por amar Carlota. “Quero morrer! Não é desespero, é a certeza inabalável de que termino minha carreira e me sacrifico por ti” (GOETHE, 2021, 148). Assim, sua esperança é encontrá-la em outra vida onde serão livres para amar, sem que o esposo de Carlota lhes possa atrapalhar:

Que importa que Alberto seja teu esposo? Esposo! O título seria, pois, apenas para este mundo... como para este mundo é pecado o amor que sinto por ti, o fato de eu querer arrancar-te dos seus braços para os meus! Pecado? Pois bem, seja, e eu me puno por causa dele. Saboreei-o em toda sua celestial delícia, esse pecado, suguei o bálsamo da vida e derramei sua força em meu coração. Desse momento em diante, tu foste e serás minha! Minha, oh, Carlota! Sigo adiante! Vou ter com meu Pai, com teu Pai. Queixar-me-ei a ele, e ele haverá de me consolar até a tua chegada, quando voarei ao teu encontro, cingir-te-ei, ficando unido a ti em presença do Eterno, num abraço infinito (GOETHE, 2021, p. 165).

Werther desejava e amava Carlota, assim como Isabel a Afonso:

Sabe o que desejo? Um amor com cenas de ciúmes, escândalos e duelos de morte, E você, Afonso, o que faria minha criança? Um poema? Eu já tenho muitos, tenho todos os poemas do mundo e, no meu poliglotismo, eu posso ler nos originais poetas melhores do que você (FABER, 2021, p. 48).

O desejo é um dos pontos encontrados em nossa análise. Em **Cartas de amor de uma freira portuguesa**, a personagem Mariana do Alcoforado sofre e luta pelo primeiro amor, pois este lhe fez desabrochar a natureza feminina. Ela conheceu o amor e os prazeres da vida, seu corpo foi compartilhado com outra pessoa, um sentimento único e especial, mas que foi interrompido pela não reciprocidade. Mariana do Alcoforado sofreu repreensão da família, da sociedade e da religião. Contudo seus sentimentos eram verossímeis:

Contra mim própria me indigno, quando penso em tudo o que te sacrifiquei: perdi a reputação, expus-me à cólera da minha família, a severidade das leis deste país para com as freiras, e à tua ingratidão, que me parece o maior de todos os males. Apesar disso, creio que os meus remorsos não são verdadeiros; do fundo do meu coração queria ter corrido ainda perigos maiores pelo teu amor, e sinto um prazer fatal por ter arriscado a vida e a honra por ti (ALCOFORADO, 1669, p. 21-2).

Há um sacrifício evidente nos textos epistolares narrados, que atestou a capacidade de suas personagens: Mariana do Alcoforado, Isabel e Werther não se sacrificaram por qualquer razão, e não foi do dia para noite, todos enfrentaram lutas internas que exigiam uma atitude.

Em **Gente pobre**, de Dostoiévski, por exemplo, temos, através da linguagem, imagens belas e trágicas da condição humana. Tudo gira em torno de um amor casto e reservado entre Makar, o redator, e Varvara, a costureira. Nesse romance epistolar, os sacrifícios são diários devido à pobreza, mas o maior de todos foi que eles tiveram de se separar pela infelicidade de não conseguirem com as condições básicas de vida atendidas: por buscar melhorar de vida a costureira casa-se com um homem a quem não ama e vai viver infeliz, longe da miséria que poderia tirar-lhe a vida.

Makar e Varvara eram pobres demais, a ponto de deixarem de se vestir melhor e de comer para ajudarem-se entre si, mas sua pouca felicidade se dava porque ainda tinham um ao outro. Em Dostoiévski (2021, p. 124-6), o redator menciona ter experimentado a pobreza em dobro, tê-la encarado “pelo amor de Cristo” e não ter nada para dar, de tal modo que o acometeu uma angústia a ponto de ter compaixão de seus próprios pensamentos. Nesse nível de pobreza, o amor deles se mantinha como uma linda amizade, como demonstrado pela carta:

30 de setembro

Meu inestimável amigo Makar Aleksêievitch!

Está tudo consumado! Minha sorte está lançada; não sei qual será, mas me submeto à vontade do Senhor. Amanhã partimos, Despeço-me do senhor pela última vez, meu inestimável, meu amigo, meu benfeitor, meu caro! Não se aflija comigo, viva feliz, lembre-se de mim, e que a bênção divina baixe no senhor! Hei de me lembrar do senhor com frequência em meus pensamentos, em minhas preces. E assim acabou essa época! Levo para a vida nova poucas recordações agradáveis da passada; quanto mais preciosas forem as lembranças do senhor, mais precioso o senhor será para o meu coração. É o meu único amigo; é o único aqui que me amou. Pois eu vi tudo, pois eu sabia como o senhor me amava! O senhor ficava feliz apenas com um sorriso meu, com uma linha de carta minha. Agora o senhor precisará se desacostumar de mim! Como vai ficar sozinho aqui? Quem lhe restará

sozinho aqui, meu bom, inestimável, único amigo? Deixo-lhe o livrinho, os cosedores, a carta inacabada; quando olhar para essas linhas inconclusas, leia em seguida tudo que queria ouvir ou ler de mim, se eu lhe tivesse escrito; e o que não lhe escreveria agora? Lembre-se de sua pobre Várienka, que tanto o amou. Todas as suas cartas ficaram na cômoda de Fedora, na gaveta de cima. O senhor escreve que está doente, e hoje o senhor Bykov não me deixa ir a lugar nenhum. Vou lhe escrever, meu amigo, prometo, porém apenas Deus sabe o que pode suceder, Assim, despeçamo-nos agora para sempre, meu amigo, meu pombinho, meu caro, para sempre!... Oh, como eu agora o abraçaria! Adeus, meu amigo, adeus, adeus. Viva feliz; fique com saúde. Rezarei eternamente pelo senhor. Oh! Como estou triste, como minha alma inteira está esmagada. O senhor Bykov me chama. A que sempre o amará, P.S.: minha alma está tão repleta, tão repleta agora de lágrimas... As lágrimas me oprimem, dilaceram-me. Adeus. Deus! Que triste! Lembre-se, lembre-se de sua pobre Várienka (DOSTOIÉVSKI, 2021, p. 156-7).

Nota-se nesta carta a intimidade de um pobre coração triste e angustiado, a personagem em sua vulnerabilidade emocional consegue trazer o olhar do leitor para junto de si, o que é características das epístolas. Uma outra coisa que conseguimos perceber é que por trás dessa dor existe um sacrifício tanto de Varvara em deixar a pessoa que ama, assim como os inúmeros sacrifícios do Makar, pois ele a amava: “[...] como a luz do Senhor, amei como uma filha legítima, amei tudo na senhorita, querida, minha cara! E só vivi pela senhorita!” (DOSTOIÉVSKI, 2021, p. 158).

Infelizmente nem sempre o sacrifício é sinônimo de alegria, para Makar, em Dostoiévski (2021, p. 158), a falta de Varvara será uma desgraça para o seu coração, a ponto de ele dizer que não suportaria e morreria. O redator fez o que pôde para manter a costureira perto dele, mas seus sacrifícios diante da realidade não foram suficientes.

Ainda sobre sentimentos e emoções, amor e sacrifício, analisamos os **Recortes das cartas das heroínas**, de Ovídio, que tratam da correspondência epistolar entre personagens da mitologia grega, tais como Penélope e Ulisses, Medeia e Jasão, Dido e Eneias, e Cânace e Macareu. Contudo, será, especificamente, a carta de Penélope e Ulisses que discutiremos, pela alusão que encontramos em *A leitora de poesia*.

Na carta de Penélope para Ulisses, de Ovídio, percebemos uma espécie de sacrifício que a amada encontra para manter-se à espera do seu amor, que partira para a Guerra de Tróia, resolvendo, então, criar uma “teia pendente”, que Trevizam (2011, p. 10) classifica como:

Referência ao manto que Penélope confeccionava a fim de envolver o corpo de seu sogro Laertes quando ele morresse. Como declarara aos seus pretendentes que só se entregaria a novas núpcias depois de terminado o manto, a fiel esposa de Ulisses permaneceu tecendo-o por três anos, uma vez que o fazia durante o dia e o desmanchava durante a noite. Dessa forma, Penélope objetivava despistar os seus pretendentes.

Esse sacrifício no contexto da espera de seu amado faz de Penélope um símbolo de resistência: determinada, ela não se entregou às investidas dos pretendentes, e a ausência do marido não lhe diminuiu o sentimento. Em sua carta cheia de amor, declara a Ulisses: “Tua Penélope envia-te esta carta, moroso Ulisses: contudo, nada me respondas: vem tu próprio” (TREVIZAM, 2011, p. 10).

A carta de Penélope em *A leitora de poesia* também menciona um sacrifício de amor, numa remessa intertextual, a ser percebida pelo leitor, a um romance de Marcos Faber, intitulado *O Lampejo do vaga-lume*: “Ata-o, prende-o a mim. Agora mesmo estou tecendo para ele um cobertor de lã, já se foram dez novelos, o inverno não custa a chegar” (FABER, 2021, p. 110). Esse aproveitamento intertextual é feito para criar-se uma configuração do relacionamento entre Isabel e Afonso, com aquela assumindo o papel de Penélope, agora em vista de um amor que se sacrifica pela poesia. Se a Penélope de Ovídio se sacrifica para manter seu amor pela família, sobretudo por seu amado Ulisses, e se Isabel o faz por amor também, mas como vimos, seu alvo é outro, ambas as mulheres, porém, são a prova de que o sacrifício terá valido a pena, mantido pela esperança no amor e fidelidade a ele.

Concordamos com Trevizam (2011, p. 10), quando diz ser o amor repleto de apreensivo medo. Com efeito, nas epístolas analisadas, o medo se faz presente, pois, enquanto a Penélope de *Recortes das Cartas das Heroínas* tinha medo de perder seu amor, o próprio Afonso, em *A leitora de poesia*, afirma numa carta para Isabel: “Tenho medo profundo de decepcioná-la. O meu amor provençal sabe que em tudo és superior a mim” (FABER, 2021, p. 121).

A par do amor, a tristeza habita todas as epístolas analisadas, mas, particularmente, em **A leitora de poesia**, assim como em **Os sofrimentos do jovem Werther**, se o sacrifício foi a consequência daquele sentimento, infelizmente o desfecho das narrativas traz a morte de um dos protagonistas, com Isabel e sua queda da torre à qual ela e Afonso várias vezes se referem, e Werther com seu suicídio em face de um amor proibido. A fatalidade diante de uma vida feliz, porém impossível na terra, é o que mais se assemelha em ambos os textos,

com Isabel desejosa de mundo habitado pela poesia, e Werther por um mundo ele unido a Carlota.

Podemos afirmar que as comparações descritas neste capítulo a respeito das cartas narradas em **A leitora de poesia**, **O sofrimento do Jovem Werther**, **Cartas de amor de uma freira portuguesa**, **Gente pobre** e nos **Recortes das Cartas das Heroínas**, embora divirjam em suas particularidades, todas apresentam uma estrutura na qual aos fatos narrados se soma o estilo de familiaridade próprio da correspondência epistolar íntima, pelo qual se capta a benevolência do leitor, “[...] o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 1987, p. 197). A verossimilhança que o leitor sente nas missivas cria essa proximidade entre ele o narrador, para a qual contribui sobretudo o emprego da primeira pessoa nas cartas.

Parece-nos que nos romances epistolares analisados o amor havia encontrado algo em seu caminho que, à semelhança de uma pedra ou obstáculo, requereu-lhe ou impôs-lhe a exigência de um sacrifício, sendo tal pedra ou obstáculo o móvel da exposição desse amor disposto a tudo para a própria perpetuidade, ou seja, uma pedra que faz inesquecível o amor que a enfrenta sob o risco da morte. Podemos pensar até na “pedra do meio do caminho” que sustenta a poesia em famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, signo de um preço a pagar, como o sacrifício de amor de Isabel pela permanência da poesia:

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra. (ANDRADE, 2002, p. 47)

No tocante ao leitor, o próprio exercício da leitura se apoia nos obstáculos de que se tece o enredo, sendo a narrativa epistolar bastante propícia a um envolvimento íntimo que, por sua vez, enreda leitor e narrador, com o primeiro disposto também a sacrificar seu tempo e suas emoções em prol do tempo e das emoções das personagens na narrativa ou, em se tratando de um poema lírico, da duração do dizer poético. Desse modo, o romance **A leitora**

de poesia é uma exposição do papel ou lugar imprescindível do leitor na existência da obra artística.

4. O TEMA DA TRANSFORMAÇÃO PELO SACRIFÍCIO EM *A LEITORA DE POESIA*

Sentir? Sinta quem lê!
(PESSOA, Fernando. 2016, p. 153)

Nada se cria e morre do nada, para tudo há um propósito e um porquê, na vida e na ficção não seria diferente. Toda criação passa por um processo assim como no romance epistolar *A leitora de poesia*, de Marcos Faber, que, ao criar a protagonista Isabel, acaba deixando pistas na narrativa que corroboram o sacrifício não explícito desta personagem. Há uma transformação real de Isabel ao longo do livro, de uma mulher concreta para uma figura imaterial que personifica a poesia, e o sacrifício gira em torno disso.

4.1. Isabel: entre ressignificação e sacrifício

Nesse sentido, podemos dizer que na narrativa o ser mulher é ressignificado como a própria poesia, uma vez que é observado em boa parte do livro que a personagem fica refletindo sobre o valor e o mistério da poesia, de tal forma que ela passou a viver pela poesia. Com isso, podemos dizer que o autor cria um espaço psicológico que vai permitir o ambiente interno e subjetivo das personagens, explorando-lhes os pensamentos, as emoções, as memórias e os estados mentais.

Logo, neste estudo, interessa-nos pensar o sacrifício que evidencia a transfiguração em poesia da personagem Isabel, uma mulher que não é poeta, mas que é apaixonada por poesia. Ela se alimenta desse fruto literário como uma espécie de remédio para a vida, assim como identificado em um trecho de uma das suas cartas: “Queria ver-te embriagado, perdendo a métrica! Poderias recitar para mim os teus poemas. Sou uma dama para quem as palavras valem mais do que os diamantes” (FABER, 2021, p. 16).

Dessa forma, atentamos para as pistas presente no texto, que é marcado pela primeira pessoa, uma característica dos romances epistolares, e que permite uma reflexão sobre o lirismo nas entrelinhas. No texto nos deparamos com questões relacionadas aos sentimentos das personagens principais, Isabel e o poeta Afonso, que são elementos necessário para se destacar, dado que nós, seres humanos sempre necessitamos de um algo a mais, tal como

Afonso menciona em uma de suas cartas: “É possível que minha maior virtude seja ter em mim mesmo quase tudo que preciso. E agora tenho também você” (FABER, 2021, p. 64).

De modo igual, compreendemos que a humanidade precisa sentir no seu interior o rebuliço que os bons sentimentos e as boas emoções causam, e isso nem sempre é provocado de pessoa para pessoa, às vezes só precisamos de arte, de uma palavra de consolo, de algo que amenize a agitação que os fatos da vida cotidiana provocam no indivíduo. Em se tratando do texto, reconhecemos que a arte poética foi para a protagonista o pivô de sua mudança e contentamento.

Sobre isso, podemos ainda acrescentar que a poesia foi para a Isabel o despertar das boas alegrias, dos bons sentimentos, uma vez que ela não tinha muito ânimo e nem Afonso, que era poeta, conseguiu chegar ao nível de compreensão de poesia que ela já havia atingido, tal era seu vasto conhecimento poético, que ela já não sabia distinguir se era somente Isabel ou poeta: “Por que sofro como se eu mesma fosse poeta?” (FABER, 2021, p. 67).

Pode-se, ainda, intertextualmente, perceber na narrativa uma relação com um fato atestado nas páginas da Bíblia, como podemos ver nos seguintes recortes: “Pois, nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (BÍBLIA, Mc 10, 45); “A morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto” (BÍBLIA, Pv 18, 21), “logo, já não sou eu que vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (BÍBLIA, Gl 2, 20), dadas as passagens as quais se lê, compreendesse que a palavra de Deus, quando age fervorosamente no coração das pessoas, transforma-o. Com efeito, em **A leitora de poesia**, a palavra poética atinge de tal modo Isabel, que ela, aos poucos, torna-se símbolo do verbo poético encarnado, o qual ficou percebido nas missivas de Isabel: “[...] que eu viva na poesia que escreves” (FABER, 2021, p. 35); “Eu sou a fruta caída de madura e sei que voltarei a alimentar a terra” (FABER, 2021, p. 130). Uma descrição poderia melhor explicar, a respeito de Isabel, Afonso argumenta na missiva a seu amigo:

Francisco!

Ela é muito densa para mim. Se você não pode com um deus, não o provoque! Acabei me machucando, sem sequer conhecê-la, imagine! Nós não sabemos do mundo, amigo, acredite. Somos pequenos. Ser poeta não é nada. Há pessoas que vivem a própria poesia, elas são os próprios poemas, encarnam os sonetos, as elegias (FABER, 2021, p. 74).

Entre a poesia de Faber e o discurso sagrado-cristão presente nas marcas intertextuais, deparamo-nos na obra com a presença de mito representados na literatura. “Estão numa caixinha que ela, naquelas suas invenções, chamava de Caixa de Pandora e pedia que jamais abrissem” (FABER, 2021, p. 128). Em vista disso, começamos a analisar o valor simbólico da Caixa de Pandora.

Uma outra versão é a de que Pandora foi mandada por Júpiter com boa intenção, a fim de agradar ao homem. O rei dos deuses entregou-lhe, como presente de casamento, uma caixa, em que cada deus colocara um bem. Pandora abriu a caixa, inadvertidamente, e todos os bens escaparam, exceto a esperança (BULFICH, 2002, p. 22).

À semelhança do que a teologia cristã interpreta acerca da relação da Palavra Divina com os fiéis que a acolhem, em **A leitora de poesia**, percebemos que o seu criador almeja a leitura à nossa proximidade com a poesia, assim como Deus-Pai, por meio de Sua palavra, que é Deus-Filho, quer que fiquemos cada vez mais próximos do mistério divino. Assim, a poesia é da mesma forma um ser – ou um ato – divino.

No tocante ao mito da Caixa de Pandora, ao final do romance lemos que Isabel a ele faz referência por guardar as cartas em uma caixa assim nomeada. Esse conhecimento chega ao leitor por meio da revelação a esse respeito efetivada pela mãe da Isabel a Afonso, o que nos faz pensar no objeto da caixa como parte de uma simbologia na qual, à semelhança do que ocorre no mito de Pandora, no qual resta no fundo da mítica caixa a esperança, vemos restar na caixa de Isabel apenas a sua epistolografia poética, como celebração e triunfo da própria poesia, bem único e supremo que move a narrativa e a relação entre Afonso e Isabel.

Esse aspecto do romance se mostra claro e intencional, uma vez que o criador e autor reconhece que a poesia enfrenta a resistência do público, que é diminuto: “são tão poucos os leitores de poesias, mais raros ainda do que os bons poetas” (FABER, 2021, p. 20). Consequentemente, percebe-se um alerta na ficção de que a poesia se faz necessária, por isso a importância do sacrifício para que o público leitor de **A leitora de poesia** perceba o valor da arte e para que ela permaneça viva.

E tudo isso por quê? Porque nós, seres humanos, ansiamos por algo a mais que muitas vezes não é suprido pelas inúmeras parafernalias que a globalização e tecnologia trouxeram, com as quais somos trancafiados pelas exigências que o capitalismo impõe. Em contraposição a isso, a poesia pode ser um ganho diferente das contrariedades provocadas por um sistema econômico massificador: “A poesia tem sido amada e reconhecida, desde a origem, como a

essência de todas as artes, a substância imprescindível que alimenta, na verdade, todas as manifestações do espírito humano” (MOISÉS, 2019, p. 283).

Assim, embora as ideias pareçam subjetivas e dependentes das perspectivas individuais dos leitores, podemos comprovar a afirmação de que a poesia é a essência de todas as artes por advir dela características fundamentais que transcendem as fronteiras de outras formas artísticas. Por isso, é relevante pensarmos na poesia como algo que vai além das nossas incongruências, pois, mesmo que sua matéria seja abstrata, baseada em palavras, os sentimentos e significados que evoca implicam uma resposta emocional e intelectual de seus receptores. No mais, sua arte também inclui expressividade linguística, sensibilidade estética, síntese de sentimentos e pensamentos, universalidade e abstração, bem como a reflexão sobre a condição humana.

4.2. Isabel: entre o sacrífico e a morte da poesia

Destarte, na obra **A leitora de poesia** é preciso ter em conta que o sacrifício da Isabel não está anunciado no livro, e a informação da morte da musa do poeta Afonso, Isabel, é noticiada ao leitor na correspondência encaminhada para seu amigo, Francisco:

Não saiu uma única linha no jornal. Tudo foi tratado com o mais absoluto sigilo, como se fosse um segredo de Estado. As pessoas de tradição mantêm suas vidas com uma discrição que nós desconhecemos. Fui procurar o Sr. Tarcísio para saber qualquer informação. Ele ouviu um comentário de que um empregado teria deixado a grade entreaberta e, quando ela estava no jardim da cobertura cuidando das flores, ao encostar, o parapeito não resistiu... (FABER, 2021, p. 125).

Para que esta pesquisa fique o mais transparente possível a respeito do sacrifício que evidencia a metáfora da morte, notamos que o texto não menciona um suicídio, isto não está claro na carta a Francisco, apenas é colocado que ela caiu de um andar de seu prédio devido ao fato de uma grade de proteção encontrar-se acidentalmente entreaberta. No entanto, a narrativa abriga indícios que fazem o leitor pensar diferente: “Hei de me sacrificar com prazer” (FABER, 2021, p. 35) e “Deixou nas entrelinhas uma poética suicida” (FABER, 2021, p. 41). Indo mais adiante na narrativa, percebemos que esse desejo mortífero é metafórico. O que realmente podemos dizer terem existido de fato foram as despedidas, quando Isabel começa:

Caro Afonso,

Ameaço-te com mais uma carta de despedida. Não, não penses que atentarei contra mim mesma. Na minha farmácia não há nada além destas pequenas substâncias que só me dão sono. E não penso numa morte mais violenta. Não há nada de cicuta, nada de estricnina, nada elegante para um poeta ou mesmo uma leitora pôr fim a sua vida. Assim, não me encontrarão a verter sangue sobre os lençóis alvos de seda, como fez Mário de Sá-Carneiro no Hotel Nice, em Montmartre (FABER, 2021, p. 129).

Esse trecho contém marcas da última carta de Isabel entregue por sua mãe a Afonso depois da morte filha, na qual podemos destacar alguns fragmentos que expressam despedida, por exemplo, quando ela informa (FABER, 2021, p. 129-32) que já conhece todos os poemas, que vai abandonar a poesia, que ela se orgulha da mãe depois de suas indiferenças, que doou parte de seus livros de poemas, que a poesia vive no ser e não nos livros, além de acenar com a hipótese de adotar uma criança deficiente, que está mudando-se etc. Tudo isso é hipotético, o que realmente nos faz pensar sobre seu sacrifício é a queda accidental.

Dadas as circunstâncias e o teor da última carta de Isabel, não presenciamos em nossa análise um pensamento suicida, mas uma despedida no espaço narrativo, em um clima de recomeço, de algo que sucederia posteriormente, como uma nova ideia, algo novo ou – por que não – um renascimento.

Nesse sentido, podemos constatar que houve um sacrifício real, mas da parte do narrador, que sacrifica a sua protagonista, a musa do poeta Afonso, a inspiradora de toda obra *A leitora de poesia*, para que reste somente a poesia. Assim, como a analogia intertextualmente permite, Deus-Filho é sacrificado para ressuscitar e dar vida à palavra de Deus-Pai, Isabel é sacrificada para renascer em poesia, pois levamos em conta, em nossa análise, que o narrador, assim como Deus-Pai, também dá a vida, logo sua personagem passa a ser um pouco filha.

Pode parecer um pouco distante do convencional esta análise analógica, mas não é, a literatura permite a intertextualidade. Como lemos em Sartre, toda obra é um apelo para que o leitor com ela contribua. Pois bem, o que fazemos nessa análise é uma leitura de dentro para fora, entrando no texto e dele saindo, hermeneuticamente. Ou seja, tentamos entender a mente do autor nos fatos narrados, como a história é contada, de forma que nos acercamos de seu significado.

Nossa leitura acerca do texto entende o narrador como aquele que narra o texto e o autor aquele que escreve a obra, não nos queremos desvincular dessas partes constitutivas e

características do texto literário narrativo. No entanto, seria meio que impossível se não colocássemos de lado o que ocorre no processo de leitura e pesquisa, “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações?” (BARTHES, 2004, p. 26).

Na narrativa de **A leitora de poesia**, adentramos em suas pistas, na construção de ideias que se foram se formado do todo, as quais sobressaltam das entrelinhas, de forma que não apenas nos deleitamos, mas, a partir disso, depositamos novos tijolos que contribuirão para o alicerce da obra.

Com isso, entendemos a partir de Mostaço (2008, p. 63) que a leitura de um texto é uma forma de recepção, por isso “um fenômeno coletivo, resultante das manifestações advindas das interpretações singulares ou grupais”. A musa do poeta Afonso menciona em *A leitora de poesia*: “Não foi assim que sugeriu o Fernando Pessoa? ‘Sentir, sinta quem lê’ (FABER, 2021, p. 35), pois bem, sintamos.

Quando adentrarmos na obra cujos frutos se deram pelas mãos de um autor que também é poeta e que constrói **A leitora de poesia** em uma narrativa um tanto requintada, elegante e profunda, percebemos que as marcações que encontramos no livro a respeito do pouco público leitor de poesia era na verdade um caminho de pistas de que sua protagonista foi criada como a personificação da poesia, confirmada pelo sacrifício implícito.

Em **A leitora de poesia** o autor já se coloca como poeta, é como se dissesse: o livro que vou escrever é poesia e eu detenho todo poder. Existe, indiretamente, no autor um agir como que divino, pois ele manipula o tempo, o futuro no passado e o passado no futuro, para que sejamos seduzidos e tenhamos pistas. Quem é essa mulher? Quem é Isabel? A partir desse questionamento somos apanhados pelas iscas colocadas no texto, como de propósito, só esperando para sermos fisgados.

Com isso, percebemos que em **A leitora de poesia** não há de imediato o entendimento de que Isabel é a personificação da poesia, a poesia presente na musa do poeta Afonso é perceptível através das pistas que são deixadas na narrativa, é preciso entrar nas entranhas do texto e juntar todas as peças, para só então se deleitar.

Parece-nos que o romance quer acordar a poesia, criar uma narrativa cuja personagem central é encharcada de poesia, e isso só mostra a intenção do autor e narrador. A carta da Nota do autor nos esclarece melhor ao dizer que:

Resolvi, num gesto impulsivo, escrever-lhe uma carta. Tal ato resultou no encontro fecundo da minha vida, que derivou numa série de cartas que até agora guardei em sigilo como um bem a mim confiado. Passo a publicá-las, assumindo todos os riscos e dolos da minha iniciativa (FABER, 2021, p. 19-20).

É evidente a importância das epístolas da musa inspiradora do poeta Afonso, que também é escritor ficcionista, já que por suas mãos são publicadas as cartas em forma de livro. Todo autor tem em si um pouco de divindade, como já argumentado anteriormente, no processo narrativo o autor “pinta e borda” com o seu narrador, pois, ao tratar de Afonso, o narrador já estabelece que este não é apenas uma personagem, mas também aquele que traçou todo o processo da criação do livro, ele é autor de sua história dentro da própria obra.

Na ficção de Faber, percebemos várias questões simbólicas que são peças de quebra-cabeça encontradas nas entrelinhas do texto, que se encaixam para criar uma imagem maior. Em **A leitora de poesia** há uma espécie de malabarismo por meio das cartas que manipulam o tempo, de modo que os acontecimentos narrados interferem diretamente na construção e interpretação dos fatos, dando a estes um significado maior e mais profundo.

Quando nos referimos ao malabarismo presente nas epístolas, queremos dizer que em nossa análise percebemos não haver uma apresentação rigorosamente cronológica das cartas. Logo, somos levados a um questionamento, por que tal carta inicia a obra quando na verdade ela deveria estar em uma data tal posterior? Isso nos faz acreditar que existe uma certa intencionalidade do narrador, seja direta ou indiretamente, já que, uma vez alteradas as ordens das datas, alteram-se também a forma com que o leitor lê e interpreta o texto, haja vista que somos tomados por um propósito real através das pistas presentes no romance.

A poesia não se entrega de imediato como já mencionado anteriormente, por que seria diferente para uma mulher concreta que se transfigurou em um ser imaterial da personificação da poesia? O malabarismo nas cartas causa um estranhamento, ou seja, uma desautomatização do olhar habitual previsível que talvez um leitor leigo espere de um acumulado de cartas.

O que acontece em **A leitora de poesia** é que a primeira carta presente nas trocas de correspondências entre Isabel e Afonso deveria ser a oitava do ano de 1997, e a segunda deveria ser inserida próximo à metade do livro, como a vigésima epístola do ano de 1999. Nesta segunda carta antecipada, Isabel fala a respeito da poesia e do poeta: “[...] és um mal necessário como a própria poesia. Este é o jogo da vida, vamos dependendo mais e mais das

coisas, por isso contraditoriamente, permanecemos vivos” (FABER, 2021, p. 14), aqui temos uma das peças do quebra-cabeça que é a musa poética.

Nesse sentido, compreendemos que a narrativa evidencia a poesia como principal elemento da obra logo de início, e isso não é à toa. O propósito se torna claro quando juntamos peça por peça, Isabel é a musa não só do poeta Afonso, mas um símbolo de representatividade ficcional contemporâneo que Faber como narrador e poeta criou, à semelhança de um deus criador, para tornar presente ao público leitor uma inspiração imaterial de uma personagem que se transforma em personificação poética.

Isabel é musa porque ela está à altura, e, assim como a arte, ela é imortal: “Foi por isso que inventamos a arte, não foi?”; “Por que vocês artistas criam o próprio mundo e não me deixam entrar?” (FABER, 2021, p. 69). Era preciso que se criasse uma musa que, não excluída do mundo ficcional, pudesse habitá-lo, inspirando-o por dentro, interpelando o próprio poeta e o narrador.

Por meio de confissões ou confidências epistolares, conforme já abordado, fomos fisgados pelas pistas que antecederam duas cartas em volta do malabarismo que retardou a confirmação do conhecimento da musa poética, para serem postas apenas depois da desordem das cartas do ano 2000 que envolveu duas epístolas do ano de 1999 presentes nas páginas 109 a 111, as quais deveriam ter sido postas depois da página 69. Esse retardamento contou com as considerações intertextuais envolvendo o poema *Belas Artes*, bem como a carta de Penélope, respectivamente partes do livro **Da destruição do poema** (D’MORAIS, 2007, p. 15) e **O lampejo do vaga-lume** (FABER, 2018, p. 37), ambos de Marcos Faber.

Todo esse propósito evidencia a importância do sacrifício, fator necessário para que não ocorresse o encontro de Isabel e Afonso, pois, se eles se encontrassem, a narrativa viraria mais um reles romance, uma historinha de amor, em vez da figuração da própria poesia.

A respeito disso, temos como referência importante a carta de Penélope em (FABER, 2021), que nos traz a ideia de esperança, esperança no amor distante que não tem dia para chegar, o fato de tecer-se uma mortalha que é feita de dia e desfeita à noite não deixa de ser um sacrifício. E outra, todo esse processo é necessário para que se mantenha a narrativa viva, pois só desejamos aquilo que não temos e é disso que se alimenta a esperança. Então, entende-se que, para dar continuidade a um propósito na história, é preciso que o encontro entre Isabel e Afonso não aconteça.

Não obstante, a morte é colocada em pauta, e o que resta são as palavras, as palavras eram o que o narrador possivelmente pretendia que levássemos em conta, ou seja, somente a sua palavra poética. A base da poesia é a palavra, e, assim como se deu analogamente com Cristo, essa palavra cai no silêncio a partir do momento em que acontece o sacrifício, a morte de Isabel. Todavia, se o silêncio é a consequência da morte de um ser humano normal, de carne e osso, convém salientar que, por se tratar de ficção, o silêncio de uma personagem não se segue necessariamente à sua morte, de modo que o sacrifício de Isabel a transfigura em símbolo da poesia imortal, analogamente ao que acontece com Cristo, cuja morte, na verdade, traz-lhe a ressurreição em um corpo eterno e glorioso.

Assim, se tratando da poesia, devemos considerar como o faz Agamben (2014) ao tratar da relação poesia-poema, que “a poesia só vive na tensão e na separação (e também, por conseguinte, na interferência virtual) entre o som e o sentido, entre a série semiótica e a série semântica” (AGAMBEN, 2014, p. 179).

Nesse ponto, analogamente considerando a relação poesia-poema, percebemos que a queda de Isabel pode ser entendida como metáfora da permanência da poesia para além do último verso com que se fecha qualquer poema, porquanto no último verso semântica e semiótica se encontram no mesmo espaço, e o texto se fecha. Assim, som e sentido coincidem, o sentido é colocado no fim do poema, o som – como última rima ou não, no caso do poema em que esta inexistente –, a melodia se encerra também no último verso.

Assim, em se tratando de Isabel, pode-se entender sua queda como o último verso que cai no silêncio. Logo, somos interpelados a dizer que, “no ponto em que o som está preste a arruinar-se no abismo do sentido, o poema busca uma saída, suspendendo, por assim dizer, o próprio fim em uma declaração de estado de emergência poética” (AGAMBEN, 2014, p. 183-4). Isso nos leva à questão principal, que é o sacrifício de Isabel como evidência da metáfora da morte ultrapassada pelo ato sacrificial, pois tudo nos levar a um real propósito do autor Faber, sua leitora de poesia precisa morrer, e essa convergência³ de som e sentido, faz com que se caia ou se abisme no silêncio.

Isso nos faz pensar na maneira como Isabel morreu. Afonso (FABER, 2021, p. 109) menciona “resolvi deixar a torre”, então, quando ela cai lá de cima da sua torre de cristal, aqui temos uma metáfora muito pertinente, pois não é comum que se coloquem as musas, a

³ Logo, em se tratando do poema, a convergência seria: de som e sentido, semântica e de semiótica.

inspiração ou mesmo os artistas, em uma torre de cristal, acima do restante da existência, na consumação de um sacrifício, com o qual o narrador pretende perpetuar a própria poesia.

Em um dos poemas feito para Isabel, Afonso declara para sua musa:

Mentias para mim
como se fosses poeta,
e em razão da tua criação
tudo seria lícito
inclusive nem dares por isto,
e viveres à torre
enclausurada,
a tomar tóxicos
num ato contínuo de invenção... (FABER, 2021, p. 116)

Em se tratando dessa mulher, que é poesia e personagem, entende-se que ela foi mais que uma leitora de poesia, ela foi a musa da *poesis*, conforme deixa evidente a esse respeito a própria narrativa. Por exemplo, há um trecho em que Isabel descreve: “Não estou esperando nenhuma brisa de abril, nem quero que façam poemas para mim como para aquelas musas gregas” (FABER, 2021, p. 47). Logo, temos indícios que Isabel torna-se musa, dado que é confirmado no poema que Afonso faz para ela.

Há também na narrativa de Faber (2021) a menção da musa da poesia épica, representada na mitologia grega como “Calíope”. Logo, poderíamos relacionar a figura da personagem Isabel como a criação contemporânea de uma nova musa poética na ótica de Faber, símbolo de inspiração da poesia e do poeta.

Sabendo disso, somos levados, por assim dizer, para mais próximos da narrativa e da representatividade da musa Isabel, não só para a poesia como marca de inspiração, mas também para a construção psíquica de uma existência real da sua personificação na poesia e no sacrifício. Podemos notar também o forte jogo metafórico desse sacrifício, de uma morte que eleva os sentidos da vida, pois percebemos que a morte é apenas a da matéria, ficando a vida imaterial da mulher-poesia que viveu pela arte das palavras em forma de poesia.

Assim, poderíamos dizer que **A leitora de poesia** tem como posto-chave nos direcionar como leitores que, mais do que poesia, temos o livro como objeto material e o seu conteúdo, no caso a palavra, que é parte do que somos como falantes de uma língua, de um sistema, que literalmente constitui aquilo que formamos de mais profundo dentro de nós. A representação e personificação dessa mulher-poesia e musa do poeta é mais que uma simples

inspiração, é sobretudo a resistência como palavra e arte, um alimento de que precisamos, para que se mantenha algo ou alguma coisa para além da consumação de um sacrifício.

Assim, o sacrifício de Isabel pela poesia é condição *sine qua non* para a poesia manter-se viva. Na contracapa do livro **A leitora de poesia**, a frase “Que eu viva na poesia que escreves” sugere que a verdadeira essência dela está na poesia. Isso nos faz refletir sobre a verdadeira essência do homem e sobre como a poesia nos pode reconectar com essa essência, especialmente em um mundo contemporâneo que tende a nos distanciar dela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o romance **A leitora de poesia**, de Marcos Alexandre Faber (2021), apresentado como objeto de pesquisa, cujo *corpus* se mostrou na construção estética da linguagem epistolar, que levou os emissores – personagens – Isabel e Afonso ao encontro com a poesia, com a palavra e com a linguagem. Por se tratar de uma narrativa romanesca, tratamos o discurso literário a partir da forma, que está aportado na questão dos gêneros literários. Dessa forma, seguimos o pensamento de Soares (2007), quando afirma que os gêneros não são puros, são híbridos.

Isso quer dizer que quando se cria uma obra literária outros gêneros são tocados inevitavelmente. Dessa forma, o que o autor de **A leitura de poesia** faz é um diálogo com a formação desse conceito, pois a crise da teoria literária passou por essas questões no final do século XIX e início do XX.

A apropriação do gênero epistolar, apresentamos como resultado da nossa pesquisa, é, na verdade, a maneira pela qual o Autor rediscute o conceito de gêneros literários. Antes fixos, agora híbridos. Dessa forma, podemos assegurar que o romance em tela dialoga com outras formas de linguagem, que se apresenta como cartas, Notas do Autor e bilhetes, presentes no livro como textos incorporadores da trama. Assim, ao criar o romance, Faber está em constante discussão com o tema atual da literatura, que se define na imbricação entre a texto criado e a influência.

É essa influência que nos remete ao aporte da crítica da literatura comparada. De acordo com Carvalhal (2006), os textos literários são construídos a partir de relações recíprocas, como faz Faber ao dialogar com **Os sofrimentos do jovem Werther**, de Goethe; **Cartas de amor de uma freira portuguesa**, de Sórora Mariana Alcoforado; **Gente pobre**, de Dostoiévski; **Recortes das cartas das heroínas**, de Ovídio, nesse caso só havendo sido por nós considerada, em face do que a própria Isabel de Mello refere em **A leitora de poesia**, a missiva de Penélope para Ulisses.

Dessa forma, a pesquisa nos levou ao encontro da história e da linguagem literária, considerando as personagens, o enredo e, sobretudo, a constituição do ser poético da personagem Isabel. Para tanto, valemo-nos de contribuições da teoria e da crítica literária, como as de Candido, ao pensarmos a relação social entre Isabel e Afonso, bem como as da

Hermenêutica Literária, as quais nos ajudaram a refletir de maneira mais profunda sobre o problema da pesquisa.

A necessidade da teoria e da historiografia literária também se mostrou no âmbito da pesquisa, para tratar da forma romanesca epistolar, o que veio a constituir a matéria na seção 2, no qual refletimos sobre a produção dessas narrativas não só no seu momento de auge, no século XVIII até a contemporaneidade, a fim de entender um pouco da base desse gênero em um espaço e tempo. Nesse sentido, mergulhamos em **A leitura de poesia** e em outras obras do mesmo gênero, e, ao medir as comparações e características das missivas que compõem as obras desse gênero, percebemos como a escrita epistolar oferece uma janela única para a alma humana e para as emoções mais profundas.

Na construção da pesquisa, a comparação, no sentido de Cavarlhal (2006) e Nitrini (2015), veio como uma ferramenta de análise literária usada para enriquecer a compreensão da obra e explorar seus temas e significados de maneira mais profunda. A natureza dessa discussão é aberta e interpretativa, como uma forma de convidar os leitores a explorarem diferentes camadas de significado dentro da obra sem impor uma única interpretação. Isso ajuda a promover uma discussão crítica e reflexiva sobre o texto, respeitando as diferentes perspectivas e interpretações dos leitores, e isso entra na parte constitutiva da leitura profunda.

Assim, percebemos a visível ilustração do processo de renovação e crescimento pessoal que ocorre por meio da poesia. A personagem Isabel passa não só por uma morte natural e física, mas também por uma espécie de morte simbólica, abandonando sua antiga forma de existência para renascer em uma nova vida, enriquecida e transformada pela poesia, a qual está ilustrada e inserida neste objeto, que é o livro, o qual nos passa a mensagem primordial de que o mundo precisa de poesia.

Com isso, após explorar detalhadamente as diferentes seções e feita às reflexões sobre **A leitora de poesia**, nossa pesquisa revelou que a poesia desempenha um papel fundamental como uma forma de expressão artística que transcende tempo e cultura. Desde os primórdios da humanidade, a poesia tem sido uma poderosa ferramenta para transmitir emoções, ideias e experiências de uma forma concisa e evocativa.

Finalmente, reconhecemos o papel central da poesia como uma forma primordial de arte, influenciando e inspirando outras formas de expressão artística ao longo da história. Ao destacar a importância contínua da poesia na sociedade contemporânea, reafirmamos a

necessidade de valorizar e promover essa forma de arte como parte essencial do nosso patrimônio cultural e humano.

Nesse contexto, o romance de Faber transborda poesia, desempenha um papel fundamental de fornecer ao leitor a vivência da linguagem, e, ao mesmo tempo, reconhecer a forma da literatura como modo atrativo a vida comum, bem como estabelecendo a literatura como um ato de direito humano (CANDIDO, 2014). Ao oferecer uma visão sensível da vida através da poesia, o romance enriquece nossa compreensão do mundo e nos conecta com as emoções mais profundas e universais da humanidade.

Para estudantes, acadêmicos e leitores em geral, **A leitora de poesia** representa uma oportunidade de explorar as complexidades da vida humana através de uma lente que é o romance, a criação romanesca; e a quebra do gênero, quando o romance assume outra lente que é a poesia, a poética. Ao refletir sobre os temas abordados na obra e nas tradições literárias epistolares, somos convidados a contemplar nossa natureza humana, de existência, o poder da arte e a importância da empatia e compaixão na vida cotidiana.

Em suma, **A leitora de poesia** não é apenas uma obra de ficção, mas sim uma jornada emocionante e edificante que nos convida a explorar o poder transformador na linguagem narrativa – romance, da poesia e da escrita epistolar. Assim, ao mergulhar nesse universo artístico e literário, somos lembrados da capacidade da arte de nos tocar profundamente e nos conectar uns aos outros de maneira que transcendem as fronteiras do tempo e do espaço.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Categorias italianas**: estudos de poética e literatura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas de amor de uma freira portuguesa**, 1669. Disponível em: [Cartas-de-Amor-de-uma-Freira-Portuguesa.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 27 fev. 2024.

ALEXANDRE JÚNIOR, M. Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 8, n. 1, 17 jul. 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 3. ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**. 12. ed., São Paulo: Cultrix: 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed., local: Hucitec, 2006.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 3. ed., São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1987.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 2. ed., Barueri-São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 26. ed., Rio de Janeiro, 2002.

BLOOM, Harold. **Como é por que ler**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2021.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. Youtube, 2014. Disponível em: **Antônio Candido - YouTube**. Acesso em: 29 set. 2023.

_____. **Literatura e sociedade**. 11. ed., Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2010.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CHIOTE, Eduarda. Prefácio. In.: D'MORAIS, Marcos. **Da destruição do poema**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

CORRÊA CRISTÓFANO, Sirlene. Hermenêutica e literatura: aportes para a interpretação e compreensão do mundo. **PerCursos**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 73–86, 2010. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1604>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Gente pobre**. Jandira, SP: Principis, 2021.

D'MORAIS, Marcos. **Da destruição do poema**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

_____. **Recife Porto**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2004.

_____. Quase biografia. In.: **Revista Eutomia**. Revista de Literatura e Linguística. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1275>. Acesso abr./2024.

FABER, Marcos Alexandre. **A leitora de poesia**. São Paulo: Reformatório, 2021.

_____. **O lampejo do vaga-lume**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: _____. **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992, p. 129-60. Disponível em: [Foucault- Michel. A escrita de si.pdf \(archive.org\)](#). Acesso em 01 mar. 2024.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2021.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2014. Edição especial.

JOACHIM, Sébastien. Prefácio. In.: D'MORAIS, Marcos. **Recife Porto**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2004.

LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: O voyeurismo e a sedução dos leitores. **Revista Matraga**. 1993. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca14/matraca14a04.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

LEMO, Aloísio de. Orelha. In.: D'MORAIS, Marcos. **Da destruição do poema**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp. 2019.

MOSTAÇO, E. (2008). Uma incursão pela estética da recepção. **Sala Preta**, 8, 63-70. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p63-70>. Acesso em: 07 dez. 2023.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3. Ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa**: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SILVA, Márcio Ferreira da. Narrativa epistolar e apelo à literatura no romance de Marcos Alexandre Faber. **Tribuna do Sertão**, 2021. Disponível em: <https://tribunadosertao.com.br/blogs/2021/10/26/8361-narrativa-epistolar-e-apelo-literatura-no-romance-de-marcos-alexandre-faber>. Acesso em: 19 abr. 2024.

SEPÚLVEDA, P. **Pessoas-livros: O Arquivo Bibliográfico de Fernando Pessoa**. **MATLIT**: Materialidades da Literatura, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 55-77, 2014. DOI: 10.14195/2182-8830_2-1_3. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/2182-8830_2-1_3. Acesso em: 10 mar. 2024.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed., São Paulo, 2007 (Princípios; 166).

TREVIZAM, Matheus. **Recortes das cartas das heroínas, de Ovídio**. 2011. Disponível em: [RecortesdasCartasdasHeroínasdeOvidio_site.pdf \(labed-letras-ufmg.com.br\)](#). Acesso em: 30 set. 2023.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.